www.psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento produzido em 27.09.2014

STATUS ONLINE:
Um estudo de caso coletivo acerca das influências do mundo virtual sobre as habilidades sociais dos adolescentes

2013

Hércules da Silva Bandeira
Psicólogo organizacional

E-mail de contato:
hercules.hb@gmail.com

RESUMO

Analisando as redes sociais como um ambiente de fácil acesso, composto por diversos estímulos, como fanpages, comunidades, grupos, entre outros, considerou-se a necessidade de investigar as possíveis influências destas variáveis sobre as habilidades sociais dos adolescentes, bem como as mudanças comportamentais resultantes dessas influências. O objetivo da pesquisa consistiu em analisar os efeitos do uso das redes sociais sobre o comportamento verbal dos sujeitos em seus contextos sociais. A técnica utilizada nesta pesquisa foi o estudo de caso coletivo, aplicado a 12 indivíduos moradores da cidade de Salvador-Ba, estudantes do Ensino Médio, dentro da faixa etária de 15 a 19 anos. Foram selecionados quatro estudantes por série (dois meninos e duas meninas). Os dados foram coletados através de uma entrevista semiestruturada. Os resultados mostraram que o uso frequente de redes sociais não interfere nas habilidades sociais de comunicação, nas habilidades empáticas e nas de expressão de sentimento do público pesquisado. Contudo, afeta parcialmente as habilidade sociais de enfrentamento ou defesa de direitos e cidadania, referindo-se aos comportamentos de criticar e negar pedidos. Foi possível perceber também que os adolescentes pesquisados exercem, em sua maioria, o comportamento verbal de copiar nas redes sociais, e que estão vulneráveis aos comportamentos de tato e mando exercidos por outras pessoas, em contextos virtuais, através de publicidades implícitas e/ou explícitas.

Palavras-chave: Habilidades sociais, adolescentes, redes sociais.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

INTRODUÇÃO

Diante dos avanços tecnológicos trazidos pela globalização, na contemporaneidade, a comunicação entre os seres humanos tem se modificado de maneira significativa. A velocidade da transmissão das informações nunca fora tão rápida. Por meio de emails, chats, aplicativos, entre outras ferramentas virtuais, as pessoas se conhecem, trocam informações, se relacionam e desenvolvem diversos outros tipos de interação.

As interações estabelecidas pela internet ocorrem, na maioria das vezes, em ambientes virtuais chamados de redes sociais, que são utilizadas por públicos diferenciados e com diversas finalidades. Nesta pesquisa, porém, tem-se por objetivo investigar a utilidade das redes sociais para os adolescentes, e os efeitos que produzem nas suas habilidades sociais.

A adolescência é uma fase transitória do desenvolvimento humano que se encontra entre a infância e a fase adulta. Nesta fase, os indivíduos passam a frequentar novos ambientes e, consequentemente, se expõem a novos estímulos. Essas novas contingências, geram mudanças no repertório comportamental dos adolescentes, inclusive nas suas habilidades sociais (SKINNER, 2003).

As habilidades sociais são caracterizadas por Caballo (2003) como um conjunto de comportamentos apresentados por um indivíduo em um ambiente de relações interpessoais, no qual expressa atitudes, sentimentos, desejos, direitos ou opiniões de maneira adequada à circunstância, respeitando os mesmos comportamentos nos demais. As habilidades sociais do adolescente, assim como os demais comportamentos que exerce, são adquiridas, mantidas e/ou modificadas, de acordo com o meio social no qual ele esteja inserido, compartilhado com ao menos uma pessoa (SKINNER, 2003).

Entende-se que o meio social contemporâneo no qual o adolescente está inserido é constituído por consumo, praticidade e otimização de tempo, que envolvem não só os adolescentes, mas o ser humano em si. O uso da tecnologia, inclusive daquelas que permitem o acesso às redes sociais, torna-se uma prática em nível cultural exercida por milhões de pessoas.

O adolescente encontra-se constantemente exposto a diferentes ambientes, contingências e grupos, como por exemplo, em casa, na escola, em espaços de lazer, e atualmente, na internet. Cada um desses ambientes influencia à sua maneira, no modo em que o adolescente se comporta, e a forma como suas habilidades sociais se desenvolvem. Sendo as redes sociais um ambiente de fácil acesso, e composto por diversos estímulos, como *fanpages*, comunidades, grupos, entre outros, surge a necessidade de investigar as possíveis influências das redes sociais exercidas

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

sobre o desenvolvimento e a manutenção das habilidades sociais dos adolescentes, e as mudanças comportamentais resultantes dessas influências.

Como objetivo geral, pretendeu-se refletir sobre os efeitos produzidos nas habilidades sociais dos adolescentes, a partir do uso das redes sociais como meio de comunicação, explorando como o comportamento verbal desses sujeitos se concretiza nos contextos sociais. Entre os objetivos específicos da pesquisa, estão: discutir a relevância do uso da internet como meio de comunicação e refletir sobre o uso dessa tecnologia como prática cultural.

A escolha desse tema surgiu pelo interesse em produzir uma pesquisa que abordasse aspectos pouco discutidos, como as habilidades sociais dos adolescentes, fundamentada na Análise do Comportamento.

O estudo pretende proporcionar aos estudantes, profissionais de psicologia e à sociedade uma reflexão técnica acerca dos efeitos que o avanço tecnológico pode causar nas habilidades sociais que os adolescentes já possuem em seu repertório comportamental, assim como sobre novas habilidades sociais que eles podem adquirir, abordando aspectos positivos e negativos deste processo.

A fundamentação teórica desta pesquisa encontra-se dividida em quatro blocos, nos quais são abordados assuntos como: adolescência, definições do Behaviorismo e da Análise do Comportamento, práticas culturais, comportamento verbal, redes sociais e habilidades sociais. Em sequência, é apresentada a metodologia que foi utilizada, assim como os resultados alcançados e as considerações finais.

ADOLESCÊNCIA: MUDANÇAS E CONSTRUÇÕES

A adolescência é uma fase da vida que foi distinguida da infância há menos de um século. Deste modo, a caracterização do indivíduo como adolescente é um fato recente, com muitas questões a serem estudadas e compreendidas, que vem ganhando espaço na sociedade.

Durante a adolescência o indivíduo precisa abrir mão da condição infantil e dos cuidados que anteriormente lhes eram dedicados. É uma fase importante na vida do indivíduo, na qual ele necessita se expor a novas contingências, como por exemplo, vivenciar uma relação mais desprendida dos pais. Neste período, ocorrem mudanças psicológicas, assim como biológicas, que vão alterando a forma corporal do indivíduo, e também a sua forma de pensar, de sentir e se relacionar tanto com a família, quanto com o mundo (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

A adolescência não deve ser resumida a um estágio de preparação para a maturidade, mas é importante analisar o indivíduo enquanto tal nesta etapa da vida, assim como as contingências, reforços e punições que o cercam, e a maneira com a qual ele lida com tudo isso. É coerente

pensar na adolescência também como o caminho para o mundo adulto, para novos papéis e responsabilidades, mas é preciso também reconhecer que a identidade, constituída pelo repertório comportamental, é uma característica mutável e em contínuo desenvolvimento em cada fase da vida (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

Um dos conceitos mais defendidos de maneira vasta a respeito do estágio da adolescência sugere que esta é a fase na qual o indivíduo constitui um repertório comportamental estável a ser seguido até a fase adulta. A capacidade dos adolescentes para considerar várias contingências no mesmo espaço de tempo quando raciocinam sobre um problema, seu conhecimento mais amplo e profundo das regras da sociedade, e sua consciência cada vez maior de que a fase adulta está chegando, cooperam para consolidar um sentido integrado da identidade (COLE; COLE, 2004).

Nesta busca de identidade, o adolescente recorre às contingências que se apresentam como mais reforçadoras no momento. Uma delas é a da similaridade para com os seus pares, que possibilita ao adolescente sentir-se mais seguro e que favorece a sua autoestima. "Ocorre aqui o processo de dupla identidade em massa, onde todos se identificam com cada um, e que explica, pelo menos em parte, o processo grupal do qual participa o adolescente" (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 32). Aparece, então, o sentimento de pertencimento ao grupo, o qual o adolescente tanto busca. Ocorre diante dessas circunstâncias descritas um processo de identificação em massa altamente reforçador para esses indivíduos. É possível considerar as redes sociais como ambientes altamente propícios para a identificação em massa, uma vez em que existem muitas ideias compartilhadas, e até mesmo gírias e bordões que se integram ao vocabulário das pessoas. Não se pode afastar o adolescente do grupo nem de suas regras compartilhadas pelos integrantes, por isso segue, de maneira fiel, às regras do grupo em relação a costumes, modas, vestimenta, preferências de todos os tipos, etc. (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

É possível que os adolescentes tenham os seus comportamentos exercidos no grupo reforçados de maneira tão significativa, que sair desse ambiente favorável pareça improvável, certas vezes, fazendo com que o indivíduo se sinta pertencente e se relacione com os membros do seu grupo de maneira mais intensa, comparando-se ao modo com o qual se relaciona com a família. Os distintos modos de relacionamento estabelecidos em diferentes contextos constituem uma das questões a serem investigadas nesta pesquisa.

Durante a adolescência, os jovens vivenciam mudanças significativas em seu sistema biológico; da mesma forma, acontecem mudanças no seu modo de se relacionar com sua família e com seus pares (COLE; COLE, 2004). Todas essas possíveis mudanças, podem causar ao adolescente algumas dúvidas e inseguranças acerca do seu papel e do seu espaço. Aberastury e Knobel (1981) consideram que o adolescente vivencia uma deslocalização temporal, buscando

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

sempre manipular o tempo de modo acelerado para favorecer a satisfação das suas vontades imediatas. Para Aberastury e Knobel (1981, p. 89):

> A tendência que caracteriza esta etapa é, do ponto de vista do indivíduo, a necessidade do jovem começar a fazer parte do mundo adulto, e os conflitos que surgem têm a sua raiz nas dificuldades para ingressar nesse mundo e nas dificuldades do adulto para dar passagem a essa nova geração que lhe imporá uma revisão crítica de suas conquistas e do seu mundo de valores.

Pensando na adolescência como um estágio da vida relativo ao papel social vivenciado de maneiras um pouco diferentes em cada cultura, torna-se necessário compreender a dinâmica do desenvolvimento dos jovens que se adaptam a esse papel nas sociedades modernas, altamente industrializadas. Para considerar a adolescência como um estágio do desenvolvimento em sociedades e contextos atuais, é necessário determinar se ela segue os mesmos preceitos de organização e passagem que os demais estágios ou se é ímpar em aspectos relevantes (COLE; COLE, 2004).

De acordo com Fierro (1995), a adolescência, distante do conceito de intervalo de tempo entre dois períodos da vida, compõe-se como uma fase e um processo: a) de ativa adaptação à necessidade de abandonar antigas contingências e reforços que não são mais condizentes com o seu repertório comportamental; b) de projeto e de construção do futuro, a partir de um enorme potencial e acervo de novas contingências ativas que cercam o adolescente, e capacidade de perceber estas novas contingências.

Para Gaudêncio (1980), ser adolescente pouco está relacionado à idade que o indivíduo tem. A adolescência é além de tudo um modo de se encarar a vida. Os indivíduos são adolescentes porque têm uma série de comportamentos que as caracterizam desta forma. Ainda de acordo com Gaudêncio (1980, p. 8), a duração da adolescência tem variado diante cada período histórico: "a duas ou três gerações, era dois ou três anos – dos 11 ou 12 até os 14 anos [...] atualmente [...] o período da adolescência [estende-se] até os 18, 19 e 20 anos [...] a adolescência é uma conquista social".

A concepção moderna que configura a expansão e intensificação da adolescência tem suas raízes nas mesmas concepções que fizeram da adolescência, antes de tudo, um ponto de contínua preocupação social e de interesse por parte da ciência. O atual quadro social expõe aos adolescentes contingências que demandam maior fluidez nas relações e maior aproveitamento do tempo, dando espaço ao alto consumo econômico e tecnológico (COLE; COLE, 2004). Tendo o Behaviorismo Radical como abordagem escolhida nesta pesquisa, para estudar o adolescente e

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

suas habilidades sociais dentro deste atual quadro social, faz-se necessário explorar adiante os aspectos teóricos que darão suporte ao entendimento deste estudo.

O ESTUDO DO COMPORTAMENTO EM NÍVEL SOCIO-CULTURAL

Diante da escolha de fundamentar este estudo nos conhecimentos teóricos da Análise do Comportamento, faz-se necessário trazer definições acerca da abordagem, assim como conceitos envolvidos referentes ao desenvolvimento das habilidades sociais, como as práticas culturais e o exercício do comportamento verbal dentro e fora das redes sociais.

Conforme Baum (2006), a ideia principal do behaviorismo gira em torno da possibilidade de haver uma ciência capaz de estudar o comportamento humano em todas as suas vertentes, considerando o ambiente, as variáveis, e também a filogênese, a ontogênese e a cultura dos indivíduos. A ciência do comportamento foi denominada posteriormente como Análise Comportamental. Para Baum (2006, p. 17) "sendo um conjunto de ideias sobre essa chamada de Análise Comportamental, e não a ciência em si, o behaviorismo não é propriamente uma ciência, mas uma filosofia da ciência".

Buscando uma definição para o comportamento humano, Skinner (1953) considera que o comportamento é uma ação ininterrupta e coesa de um organismo. Embora, para objetivos teóricos e práticos, ele possa ser analisado de forma parcial, é preciso identificar sua natureza como contínua, capaz de resolver dificuldades comuns. Deste modo, acerca do comportamento humano, pontua Skinner (1953, p. 15):

> O comportamento é um assunto difícil, não porque é inacessível, mas porque é extremamente complexo. Desde que é um processo, e não uma coisa, não pode ser facilmente imobilizado para observação. É mutável, fluido e evanescente, e, por essa razão, demanda grande exigência técnica da engenhosidade e energia do cientista.

De modo geral, na visão de Skinner (1953), o comportamento humano é o produto do conjunto de contingências que favoreceram a sobrevivência da espécie, contingências reforçadoras que foram agregadas ao repertório comportamental de cada indivíduo, e contingências mantidas em nível cultural. Pode-se entender a cultura enquanto um sistema de comportamentos constituídos, reproduzidos e/ou modificados pelos indivíduos na sociedade ao passar do tempo (SKINNER, 1953).

Na concepção de Skinner (1953, p. 132), "Os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez são modificados pelas consequências de sua ação". Pode-se compreender que o comportamento enquanto processo realizado gera efeitos no meio, e da mesma forma, sofre

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

efeitos do ambiente e das variáveis contidas nele, que cercam o indivíduo. Uma vez constituído um comportamento adequado, as consequências do mesmo atuam através de processos similares para continuar ativas.

Nessa relação estreita entre ambiente e comportamento, se acontecem mudanças nesse contexto, por consequência, alguns comportamentos antigos podem ser extintos e/ou modificados, assim como novos comportamentos podem surgir no repertório comportamental do indivíduo. Essas alterações recorrentes de evolução da cultura, das mudanças ocorridas no repertório comportamental dos adolescentes, serão investigadas nesta pesquisa.

Para uma investigação do comportamento humano em nível social, é de suma importância falar sobre práticas culturais. Skinner (1953) definiu a cultura como práticas verbais e não verbais que podem ser compartilhadas entre os seres humanos, dentro de grupos e espaços de tempo.

De acordo com Gleen (1991), uma prática cultural está relacionada com a ocorrência repetida de um comportamento operante semelhante entre indivíduos dentro de um espaço de tempo, que possa ser mantido em outros períodos temporais. Desta forma, quando relações comportamentais que determinam parte do conteúdo do repertório de um organismo são reproduzidas nos repertórios de outros indivíduos, em um sistema sociocultural, o comportamento reproduzido é conhecido como prática cultural (GLEEN; MALAGODI, 1991 apud ANDERY; MUCHELETTO; SÉRIO, 2005).

Conforme Skinner (1954), o comportamento verbal ampliou consideravelmente a relevância do terceiro nível de seleção – o cultural. O processo cultural provavelmente tem sua origem a nível ontogênico, ou seja, o próprio indivíduo. Uma cultura se desenvolve quando práticas que são oriundas dos reforços adquiridos na história de cada indivíduo contribuem para o êxito do grupo praticante na solução de seus problemas. Vale ressaltar que o efeito exercido sobre o grupo é o responsável pela evolução da cultura, e não as consequências reforçadoras individuais para cada indivíduo pertencente ao grupo.

O comportamento verbal é basicamente definido pelo efeito sobre o comportamento do outro e, portanto, pela sua característica relacional (considerando-se uma relação social). Pode-se afirmar que o comportamento verbal é essencialmente uma relação entre o ambiente social, representado pelo outro, o ouvinte, e um organismo vivo, o emitente do comportamento. O ouvinte age como um estímulo discriminativo, na presença do qual verbalizações ocorrem (MATOS, 1991).

Para Skinner (1954), o comportamento verbal é o comportamento operante que necessita da presença de outra pessoa, o ouvinte, para ser reforçado. Quando existe no ambiente mais de um ouvinte, eles são classificados como uma comunidade verbal. O Comportamento verbal é modelado e conservado por um ambiente com contingências verbais – por indivíduos que

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

respondem ao comportamento de certa maneira devido às práticas realizadas pelo grupo do qual são parte.

Conforme Matos (1991), existem oito categorias de comportamento verbal: ecoar, copiar, tomar ditado, tatear, mandar, ler, intra-verbalizar e rearticular / organizar. Nesta pesquisa, buscando uma aproximação com o uso das redes sociais e o desenvolvimento das habilidades sociais, destacam-se as categorias: copiar, tatear e mandar.

Copiar: é o comportamento controlado por discriminativos visuais, em geral palavras escritas; a resposta é motora; e a consequência é social. Supõe uma identidade estrutural (que pode ser bastante frouxa, quase simbólica e, portanto, funcional) entre as características visuais/gráficas do antecedentes e as do produto da resposta. Contribui consideravelmente para o processo de aprendizagem, como por exemplo, quando a criança ouve a palavra "mamãe" e a repete (BARROS, 2003).

Tatear: é o comportamento representado por respostas verbais, vocais ou motoras controladas por estímulos discriminativos não-verbais e mantidas por consequências sociais quando existe correspondência, ou seja, identidade funcional (arbitrária e culturalmente estabelecida), entre o estímulo discriminativo e a resposta. Um exemplo de comportamento de tato é dar nomes a pessoas, eventos ou objetos. Através do tato, as pessoas se comunicam com diversos fatores de seu ambiente físico e social/cultural. Portanto, com o tato, descrevemos as propriedades dos elementos dos ambientes externo e interno à nossa pele, como por exemplo, quando se diz: - Eu me chamo Carlos, como o céu está azul, o sorvete é de laranja, etc. (BARROS, 2003).

Mandar: é o comportamento representado por respostas verbais, vocais ou motoras, controladas por eventos encobertos, ligados a estados motivacionais ou afetivos (MATOS, 1991) e mantidas por consequências que reduzam a privação geradora dos quadros motivacionais antecedentes. As consequências, é claro, são geradas através de um ouvinte; a resposta deve manter a identidade funcional com o comportamento do ouvinte, na medida em que explicita os reforçadores a serem promovidos. O mando é, portanto, a categoria de operantes verbais que as pessoas emitem quando dão ordens, fazem pedidos, formulam perguntas, dão conselhos, mencionam (tateiam) os reforçadores de que estão privados (BARROS, 2003).

Os comportamentos verbais, assim como as demais categorias de comportamento, encontram-se suscetíveis à mudanças, de acordo com o meio e com o próprio indivíduo. As redes sociais constituem o meio a ser investigado nesta pesquisa. Nesta pesquisa, investigar-se-á também o modo como alguns comportamentos verbais (copiar, tatear e mandar) se iniciam e/ou se desenvolvem através das redes sociais. Neste sentido, buscar-se-á discutir o impacto das redes sociais nas habilidades sociais dos adolescentes, assim como o uso da tecnologia que proporciona o acesso às mesmas.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

REDES SOCIAIS: RELAÇÕES (DES) CONECTADAS

Considerando as redes sociais como um ambiente que exerce possíveis influências sobre as habilidades sociais dos adolescentes, se buscará nesta fase do estudo, explorar algumas compreensões acerca do mundo virtual.

Desde o surgimento da Revolução Industrial no século XX, a tecnologia tem se tornado alvo de grande consumo no mundo. Com a chegada do século XXI, o contexto tecnológico tem se ampliado cada vez mais, trazendo uma configuração de uma sociedade moderna líquida (BAUMAN, 2004), abrindo espaço para novos meios de comunicação, de diversão, de trabalho, de relações humanas, etc. Ainda de acordo com Bauman (2006), os produtos da modernidade geram grande entusiasmo e necessidade de consumo nos indivíduos, pois prometem proporcionar aquilo que eles necessitam. No entanto, até onde essa necessidade realmente existe? Até onde o indivíduo consome para satisfação própria, e até onde ele consome para satisfazer a opinião do seu contexto social?

Com o avanço tecnológico, as relações humanas passaram a ser mediadas por máquinas. Diante desta mediação, surgem questionamentos, como por exemplo: Que nível de comunicação é estabelecido entre os indivíduos? Quais tipos de vínculos e compromissos são construídos? As necessidades de interação social são satisfatórias? Sobre quais preocupações e responsabilidades devemos pensar diante das relações virtuais? (MARCHIORI, 2000).

As relações virtuais têm sido desenvolvidas de forma intensificada através das redes sociais. Segundo Aguiar (2007), conceitos de "redes" têm sido construídos em diferentes campos teóricos a partir de metáforas que fazem referências a relações interpessoais, associações encadeadas, vínculos sem hierarquia, interações, todos abarcando relações de comunicação e/ou trocas de informação e intercâmbios culturais ou interculturais. Na visão de Marteleto (2001, p. 72), as redes sociais representam "um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados".

Aguiar (2007) afirma que as redes sociais ganham e perdem nós ao longo do seu desenvolvimento, assim como os vínculos entre esses nós sofrem mudanças qualitativas, sem que isso modifique a sua identidade. A partir da perspectiva teórica de Bauman (2004), é possível analisar que:

> Diferentemente de 'relações', 'parentescos', 'parcerias' e noções similares – que ressaltam o engajamento mútuo ao mesmo tempo em que silenciosamente excluem ou omitem o seu oposto, a falta de compromisso –, uma 'rede' serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

> sem as duas possibilidades. Na rede, elas são escolhas igualmente legítimas, gozam do mesmo status e têm importância idêntica. Não faz sentido perguntar qual dessas atividades complementares constitui 'sua essência'! A palavra 'rede' sugere momentos nos quais 'se está em contato' intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento 'indesejável, mas impossível de romper' é o que torna 'relacionar-se' a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma 'conexão indesejável' é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las (BAUMAN, 2004, p. 12).

Para um adolescente, o principal atrativo do mundo virtual é não deparar-se com os agentes de controle, bem como com as contingências que rondam a vida off-line. Deste modo, quanto mais o adolescente se conecta às novas relações virtuais, ele mostra-se propenso a desconectar-se das suas relações sociais em ambientes concretos. Por outro lado, o mundo on-line, proporciona inúmeras possibilidades de comunicações e relações relevantes para estes indivíduos. O ciberespaço faz isso proporcionando contatos líquidos e, como consequência, não permite a construção de laços fortes, muitas vezes em oposição à vida off-line, que se apoia na dedicação contínua de fortalecer os vínculos, limitando de forma significativa o número de contatos à medida que eles se expandem e se intensificam (BAUMAN, 2011).

A internet é, na atualidade, uma das principais ferramentas que a cultura proporciona para os adolescentes se inserirem na sociedade, pois ela apresenta ao jovem a possibilidade de socializar-se de forma mais acelerada, simples e ampliada. As inúmeras comunidades existentes nas redes sociais apresentam aos adolescentes possibilidades de reforçarem os seus comportamentos já existentes e de pertencer a grupos sociais (SOUZA; REZENDE; MESQUITA, 2012).

As comunidades virtuais são o resultado de uma nova forma de organização social que surgiu na contemporaneidade: a sociedade em rede. O termo indica a característica de uma forma peculiar de organização social, na qual a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes essenciais de produtividade e poder devido às novas contingências e ferramentas tecnológicas que surgiram nesse novo momento histórico (CASTELLS, 2000).

Para Skinner (1954), o homem comporta-se de acordo com as contingências do ambiente. E a linguagem é um comportamento denominado comportamento verbal, que se assemelha a outros e pode ser melhor investigado quando considerado dentro desta classificação. Neste contexto, sentir-se pertencente ao grupo, diminuir o tempo de espera da resposta, manter um diálogo reforçador por um longo tempo, e ser compreendido de maneira rápida pelo seu interlocutor, podem ser pensados como possíveis reforçadores positivos na comunicação virtual.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Os adolescentes, como membros de uma comunidade verbal (as redes sociais), ficam expostos a contingências capazes de gerar e manter novos comportamentos, como por exemplo, uma nova linguagem (comportamento verbal) ou um novo conjunto de comportamentos apresentados em contexto social (habilidades sociais). Deste modo, torna-se necessário discutir acerca de fundamentos teóricos e categorias das principais habilidades sociais, assim como refletir sobre as influências do mundo virtual no desenvolvimento e manutenção das habilidades sociais dos adolescentes.

HABILIDADES SOCIAIS: CONCEITOS, CATEGORIAS E AS INFLUÊNCIAS VIRTUAIS

De acordo com Del Prette e Del Prette (2001), as habilidades sociais podem ser organizadas em classes e subclasses de maior e menor abrangência. Entre as principais, destacam-se as habilidades de comunicação (fazer e responder perguntas, dar e pedir feedback, elogiar, iniciar, manter e encerrar conversação), as habilidades da civilidade (dizer por favor, agradecer, apresentar-se, cumprimentar), as habilidades assertivas de enfrentamento ou defesa de direitos e de cidadania (expressar opinião, discordar, fazer e recusar pedidos, interagir com autoridades, lidar com críticas e expressar desagrado, lidar com a raiva do outro, pedir mudança de comportamento, etc.), as habilidades empáticas e de expressão de sentimento positivo e outras duas mais abrangentes, que os mesmos autores nomeiam como habilidades sociais profissionais ou de trabalho (coordenação de grupo, falar em público) e as habilidades sociais educativas de pais, professores e outros agentes envolvidos na educação ou treinamento. "Na base de qualquer desempenho socialmente competente, destacamos a automonitoria, enquanto habilidade geral de observar, descrever, interpretar e regular pensamentos, sentimentos e comportamentos em situações sociais" (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001, p. 1).

Considerando-se que as habilidades sociais se caracterizam pela capacidade de comunicação (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001), necessitando de estímulos e reforços para a sua manutenção nos contextos interpessoais, pode-se dizer que o comportamento verbal para ser mantido, depende das habilidades sociais que o indivíduo possui em seu repertório.

Analisando a importância da relação estabelecida entre o indivíduo, o ambiente e as contingências envolvidas no desenvolvimento das habilidades sociais, Caballo (2003) pontua que o desenvolvimento das Habilidades sociais é influenciado por dois fatores discriminados: o ambiente (variáveis existentes no contexto) e o temperamento (características de cada indivíduo). O temperamento constitui-se pela predisposição inata que o indivíduo tem para se socializar. Dessa maneira, crianças com tendência a se comportar de maneira mais tímida estarão propensas a ter menos chances de aprender e por em prática os comportamentos sociais, tendo menos

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

reforços das pessoas de seu convívio (carinhos, elogios, sorrisos, etc.), como consequência. Em oposto, as crianças mais extrovertidas terão mais interações sociais através das quais terão a chance de ampliar o seu repertório comportamental social (CABALLO, 2003).

Segundo Caballo (2003), o ambiente atua reforçando, ou não, os comportamentos sociais, assim como permite a aprendizagem de novas habilidades através de observação e de interações com o meio. Nesse contexto, o indivíduo no primeiro estágio da vida, a infância, desenvolveria suas habilidades sociais através da modelação, ou seja, observando seus pais, assim como outros indivíduos com quem conviva, interagindo com eles e aprendendo esses comportamentos. Pode-se considerar então que, quanto mais experiências sociais um indivíduo tiver, maiores serão as possibilidades de aprender com essas situações e menor será a influência das suas características iniciais.

Entende-se que o aprendizado de novas habilidades sociais não se restringe à infância. Na adolescência, surgem novos fatores que ultrapassam os limites de casa e do ambiente escolar. Os indivíduos começam a fazer partes de grupos, comunidades, meios de convivência com outros jovens, onde se sintam à vontade para se expressar. Na visão de Del Prette e Del Prette (2011), a aquisição de habilidades sociais e o aprimoramento da competência social compõem processos que ocorrem "espontaneamente", através das interações sociais habituais no decorrer da vida. Na infância e na adolescência, as práticas educativas da família e da escola, agregadas à experiência de convívio com os colegas, são as principais condições para a obtenção e o aprimoramento das habilidades sociais e da competência social. Contudo, quando essas práticas são desfavoráveis, podem surgir déficits de habilidades sociais e problemas de competência social que geram impactos negativos sobre as relações interpessoais e, deste modo, a qualidade de vida das pessoas.

Nos dias de hoje, além dos aspectos citados por Caballo (2003) e por Del Prette e Del Prette (2011), surge um novo fator capaz de influenciar no desenvolvimento das habilidades sociais: o uso da tecnologia como meio de comunicação. A internet constitui-se no século XXI como um espaço de socialização muito frequentado pelos jovens. Analisando os efeitos de comportamento social dos indivíduos na atualidade, percebe-se um movimento geral de virtualização. Esse abrange não apenas os meios de comunicação e de massa, mas os comportamentos dos sujeitos, os contextos e as contingências que geram e modificam a ação de comportar-se na sociedade. A virtualização tem a capacidade de alterar as maneiras do "estar junto", da presença física, uma vez que os indivíduos utilizam dos seus perfis virtuais como elementos substitutos do contato humano com o outro (LEVY, 1996).

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo IBGE em 2011, 77,7 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade, parcela esta equivalente a mais de quatro em cada dez brasileiros (46,5%), afirmaram ter usado a internet no período de referência de três meses anteriores à data da entrevista. A internet se difundiu entre todas as

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

faixas etárias, mas, entre os jovens de 15 a 19 anos, o acesso é mais frequente. Cerca de 70% são usuários (sete em cada dez) (IBGE, 2011).

Diante desses dados, pode-se considerar que os avanços tecnológicos gerados pela globalização afetam de forma considerável uma grande parte da população jovem do Brasil. Esta população encontra-se num período de adaptação às novas contingências que surgem no ambiente, modificando com frequência o repertório comportamental. Vale ressaltar, diante desta constatação, a importância de se compreender o que há de reforçador para os adolescentes no constante acesso à internet, assim como as possíveis consequências punitivas que diminuam as probabilidades de suas habilidades sociais se desenvolverem nos contextos sociais.

METODOLOGIA

O presente estudo refere-se a uma pesquisa descritiva e exploratória com uma abordagem qualitativa e quantitativa, que tem como base a investigação das possíveis influências das redes sociais sobre o desenvolvimento das habilidades sociais dos adolescentes.

Empregou-se como técnica o estudo de caso coletivo, como meio capaz de investigar um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto real, assim como, de explicar as variáveis responsáveis por este fenômeno (GIL, 2002).

A pesquisa foi aplicada a 12 indivíduos moradores da cidade de Salvador-Ba, estudantes do Ensino Médio, dentro da faixa etária de 15 a 19 anos. Assim, foram selecionados quatro sujeitos (dois do sexo masculino e dois do sexo feminino) de cada série do Ensino Médio (1°, 2° e 3º ano) dentro da faixa estabelecida (15 a 19 anos de idade). Os estudantes foram selecionados pela coordenação pedagógica da própria instituição, de acordo com o critério de intencionalidade (GIL, 2002), com base em características relevantes para o pesquisador, como ter acesso frequente à internet e ser cadastrado em ao menos uma rede social. Esta faixa etária foi escolhida considerando o dado do IBGE (2011), informando que este grupo acessa a internet com mais frequência.

A pesquisa foi realizada no Colégio Villa Lobos, da rede Particular, localizado na Avenida Paralela, Salvador-Ba, ainda com base no critério da intencionalidade, supondo-se que os estudantes desta instituição possuem acesso regular à internet e a algum tipo de rede social. Este local foi escolhido por ficar dentro da faculdade na qual o pesquisador estuda, facilitando assim o acesso.

Para o levantamento dos dados foi empregada uma entrevista semiestruturada elaborada pelo pesquisados (apêndice), através da qual, mesmo sendo composta por questões dirigidas, foi

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

disponibilizado um espaço para exploração e contextualização das respostas. Os sujeitos foram entrevistados de forma individual, na própria instituição.

ANÁLISE DOS DADOS

Para Castells (2000) surge na contemporaneidade uma nova configuração social – a sociedade em rede. O termo refere-se uma nova forma de organização social, que se baseia na velocidade de informação, modificando as relações humanas. Diante dessa perspectiva de sociedade em rede, buscou-se analisar com os sujeitos pesquisados, as suas relações com o mundo virtual e as possíveis influências exercidas pelo espaço cibernético nas suas relações com o ambiente concreto.

Deste modo, os dados coletados foram distribuídos nas seguintes categorias: 1) espaço de tempo ocupado, 2) impacto nas relações humanas, 3) comportamento de fuga nas redes sociais, 4) comportamento verbal nas redes sociais e 5) influência das redes sociais no exercício das habilidades sociais em ambientes concretos.

Os adolescentes entrevistados foram caracterizados nas transcrições de seus relatos através de uma letra seguida da idade, e também pelo gênero (F – feminino, M – masculino) e o ano do ensino médio que está cursando (1A, 2A ou 3A).

7.1 Espaço de tempo ocupado:

Nesta categoria, foi investigado o tempo que cada um dos adolescentes entrevistados dedica às redes sociais. Foi possível perceber que há uma diversidade significativa entre o acesso e a importância que cada indivíduo atribui à rede social. O tempo de acesso variou de 10min/dia a uma conexão ininterrupta, ou seja, ainda que não estejam o tempo todo acessando as redes, alguns indivíduos disseram permanecer conectados a elas em tempo integral, como expresso nos depoimentos:

> *"Eu entro no Facebook todos os dias, mas é muito rapidinho. Fico só uns 10 minutos por dia. Eu não sou muito ligada a computador e tecnologia."* - G16 (F – 2A).

> *"Muito. Todos os dias. 2-4 horas por dia."* – J17 (M – 3A).

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

"O dia todo. É um vício! (risos). Enquanto eu tô acordada, tô com o celular na mão." - L15 (F - 1A).

Estes jovens justificaram a frequência de acesso, alegando a necessidade de se manterem atualizados sobre as notícias, assim como de poderem conversar com pessoas que não estão por perto. Corroborando estas informações, Bauman (2011) caracteriza as redes sociais como um espaço no qual os adolescentes podem evitar os possíveis conflitos existentes no mundo "off-line", assim como, um espaço para se estabelecer novas relações e realizar outros tipos de comunicação.

Percebe-se também neste quesito, que o uso de tecnologias que permitem o acesso às redes sociais, assim como o próprio acesso frequente em si, começam a se instalar como práticas culturais que se proliferam entre esses adolescentes e, possivelmente, entre tantos outros indivíduos, devido à sua ocorrência repetida nesse espaço de tempo atual (GLEEN, 1991) diante da possibilidade de se perpetuar frente ao avanço tecnológico, presente no dia-a-dia, através do desenvolvimento, por exemplo, das ciências e de novos aparelhos eletrônicos, que se encontram acessíveis a maior parte da população mundial.

7.2 Impacto nas relações humanas:

Nesta categoria, abordou-se a habilidade social de iniciar, manter e finalizar um diálogo, assim como o modo preferido de comunicação dos jovens entrevistados. A maioria dos participantes afirmou preferir se comunicar com seus parentes, amigos e conhecidos presencialmente, considerando este modo de diálogo como mais reforçador para a manutenção das relações. Da mesma forma, relataram preferir iniciar, manter e encerrar diálogos de modo presencial, considerando o modo virtual como uma barreira para melhor fluência do diálogo, conforme relatos abaixo:

"Normalmente eu prefiro conversar olhando olho no olho, dando risada, ver quando tá triste." - D15 (F - 1A).

"Depende da pessoa. Se eu tiver intimidade com essa pessoa, ate consigo manter uma conversa. Mas pessoas que eu não conheço, não muito. Depende muito da situação. Se acontecer alguma coisa aqui no colégio, tanto faz se é pessoalmente ou na rede social." - A16 (M - 1A).

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

> *"Iniciar não. Mas de manter e finalizar, tenho. Assim, se for pessoalmente, eu tenho mais facilidade, porque você tá com pessoa, fica estranho se ficar um silencio e ninguém fala nada. Mas virtualmente se eu não conhecer a pessoa, fica difícil pra mim iniciar porque eu não conheço a pessoa, não sei o que ela gosta de falar, de fazer, e aí fica difícil."* - A16 (F – 2A).

Apesar do frequente acesso, neste quesito, diante do público entrevistado, percebe-se que as redes sociais não afetam as habilidades sociais de comunicação (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001) dos adolescentes entrevistados, em espaços sociais concretos.

7.3 Comportamento de fuga nas redes sociais:

Através dos dados analisados nesta categoria, foi possível avaliar que quando o adolescente está numa conversa pouco reforçadora, a rede social funciona como espaço que favorece o comportamento de fuga (MEDEIROS; MOREIRA, 2007), através de falsas despedidas. O indivíduo encontra na rede social um ambiente no qual ele consegue fugir de estímulos pouco reforçadores e/ou punitivos, sem ter que lidar com consequências aversivas, como demonstra o jovem, a seguir:

> *"Eu acho que a internet neste quesito é até mais fácil. Se você não quiser mais falar, simplesmente sai. Pessoalmente é mais complicado. Você não pode virar as costas e sair. Na internet, você pode dizer 'vou aqui' 'vou no banheiro', etc."* - R17 (M - 2A).

Para Medeiros e Moreira (2007), o comportamento de fuga é mantido por reforço negativo. O indivíduo, neste caso o adolescente, se depara com um estímulo aversivo presente no ambiente, e age de forma que retire esse estímulo aversivo de perto dele. Diante da fala do R17 (M – 2A) é possível perceber que na rede social (ambiente) é mais fácil para ele fugir de uma conversa (estímulo) que não esteja sendo mais reforçadora, ou mesmo, que tenha se tornado aversiva.

7.4 Comportamento verbal nas redes sociais:

Nesta categoria, foi possível avaliar aspectos como: uso de abreviações e gírias, assim como o exercício do comportamento de copiar, e os comportamentos de tatear e mandar, exercidos por outras pessoas, mas direcionados aos adolescentes, conforme expressam os adolescentes abaixo:

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

"Questão de velocidade, devido ao ritmo em que a gente vive, precisamos ser mais rápidos até pra digitar." - L16 (M - 2 A).

"Uso o # também, como quando quero enfatizar ou mostrar algo pras pessoas." - D15 (F - 1A).

"Eu não usava muito não, porque normalmente eu não sabia o significado de nada. Mas eu comecei a usar o 'SEPÁ' que é o 'talvez'. Os amigos começam a conversar assim, e eu passei a utilizar. Eu acho que é pra você se sentir dentro mesmo, porque todo mundo fala." - AL16 - (F - 2A).

"Você adere aquilo, como se fosse uma palavra que expressa algo que não tem como expressar. Até uma forma de você dizer com outras palavras, dois caminhos." - R17 (M - 2A).

"Até pelo nível de publicidade que existe dentro das redes, às vezes me deixo influenciar bastante. Até porque creio e sigo bastante essa parte de vendas virtuais." - L16 (M - 2A).

"Influencia quanto à moda, roupa e maquiagem. Tem roupa que eu vejo alguém usando, maquiagem, capinha de celular na rede social, aí eu compro." - L15 (F - 1A).

Diante dos relatos descritos acima, pode-se perceber que alguns dos adolescentes entrevistados copiam gírias e expressões que são compartilhadas por outros usuários nas redes sociais, e utilizam tanto no meio virtual, como em ambientes sociais com os amigos. Percebe-se que algumas contingências, tais como ser aceito em um grupo, ter o seu discurso notado, igualar-se aos outros jovens, reforçam o exercício do comportamento de copiar (BARROS, 2003). As necessidades de se igualar e pertencer ao grupo são condizentes com o pensamento de Aberastury e Knobel (1981) sobre a dedicação do adolescente para alcançar uma similaridade com seus pares, como busca de favorecer a sua autoestima, e assim, sentir-se mais seguro.

É notável também a exposição desses adolescentes aos comportamentos de tato e mando (BARROS, 2003), exercidos por outras pessoas nas redes sociais, através de anúncio de produtos ou lugares, ou mesmo a propaganda de algo que está sendo usado ou feito por pessoas populares

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

na rede, influenciando os adolescentes a reproduzirem os comportamentos de comprar, consumir, se vestir, falar, entre outros, expostos pelo indivíduo que propaga.

7.5 Influência das redes sociais no exercício das habilidades sociais em ambientes concretos:

Nesta categoria, abordaram-se os resultados analisados referentes às seguintes habilidades sociais dos entrevistados: falar em público, expressar sentimentos, expressar opiniões, negar pedidos e fazer críticas, receber elogios e críticas, conforme evidenciam os relatos abaixo:

"Sim, porque a rede social, por exemplo, você tem 500 amigos no Facebook. Você tá comunicando, claro que nem todos os 500 vão ver, mas a maioria. E você fica meio que mais relaxado. É um treino, meio que se prepara, é um teste." R17 - (M - 2A).

"Acho que a internet deixa você meio cômodo." L15 (F - 1A).

"Eu acho que, eu consigo conversar com as pessoas, cara a cara e tal, mas tendo muita gente eu me vejo nervoso, não controlo esse nervosismo, e acabo não conseguindo falar." J17 (M - 3A).

"Acho que na rede social você tem menos medo do que pode acontecer." E17 - (M - 3A).

"Porque eu acho que quando tá cara a cara, fica tipo, é mais complicado falar. Quando você está no computador, você não vê a reação da pessoa, até tipo, pra escrever, você pensa mais, ver se isso tá bom ou não." - S18 (F -3A).

"Cara a cara. Porque é o que eu disse no início da entrevista. Você falando pessoalmente você identifica a reação da pessoa." F16 - (M - 1A).

"Mais elogios do que críticas. Geralmente no ambiente virtual você não pode chegar criticando. Quando você tem um certo convívio, vendo a intimidade e o contexto, como sala de aula, em casa, na rua, é mais fácil. Prefiro pessoalmente." R17 - (M - 2A).

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

"Prefiro ouvir a critica face a face, recusar o pedido, prefiro na rede social, pra que a pessoa não veja minha expressão." D15 (F – 1A).

Apesar de 100% dos entrevistados se considerarem extrovertidos, 50% relataram ter dificuldade de falar em público. Dentro dessa margem, todos eles acessam as redes sociais de 2 a 5hs/ dia, ou mesmo acesso contínuo, sem ter noção do tempo total de acesso. Apenas 16% afirmou que a rede social funciona como um espaço de ensaio e preparação para o comportamento de falar em público.

As redes sociais parecem ser um ambiente onde se evitam possíveis situações de desconforto. Adolescentes demonstram dificuldade em lidar com reações negativas, assim como exercer habilidades sociais de enfrentamento ou defesa de direitos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001) no ambiente real, como negar pedidos e realizar críticas. A rede social parece evocar o comportamento de esquiva (MEDEIROS; MOREIRA, 2007) de possíveis conflitos que poderiam surgir no convívio real. Para Medeiros e Moreira (2007), o comportamento de esquiva é emitido para que o estímulo aversivo não apareça no ambiente.

Diante do quadro total de entrevistados, 75% relatou preferir fazer elogios e críticas de modo presencial, vendo a rede social como barreira para melhor compreensão do elogio ou crítica que estiver sendo feita. Diante do resultado obtido, percebe-se que o uso frequente de redes sociais tem efeito pouco significativo nas habilidades sociais de comunicação e nas empáticas e de expressão de sentimento do público pesquisado, contudo, afeta parcialmente as habilidade sociais de enfrentamento ou defesa de direitos e cidadania, referindo-se aos comportamentos de criticar e negar pedidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs a investigar as possíveis influências que as redes sociais podem exercer sobre as habilidades sociais dos adolescentes, considerando as que já estão no repertório comportamental deles e as que ainda podem ser adquiridas, assim como também, avaliar o efeito das redes no comportamento verbal dos adolescentes e a possibilidade do surgimento de novas práticas culturais diante do avanço tecnológico e do acesso a esse mundo de relações virtuais.

Buscou-se base teórica para esta pesquisa nos fundamentos da Análise do Comportamento, assim como, foi necessário consultar conhecimentos e adaptar a linguagem de outras áreas do saber, como a psicanálise e a sociologia.

Os achados desta pesquisa mostram que as redes sociais influenciam parcialmente de maneira negativa no desenvolvimento e manutenção das habilidades sociais dos adolescentes,

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

assim como funciona como ambiente favorável para os comportamentos de fuga e esquiva, servindo de espaço de proteção diante da dificuldade desses jovens em expressar algumas das suas habilidades sociais, como fazer críticas e recusar pedidos, e encerrar uma conversa que não está sendo reforçadora.

Por outro lado, percebe-se que a rede social contribui positivamente na manutenção das relações à distância, facilitando a comunicação com amigos e/ou parentes que encontram-se em um outro município, por exemplo. Outra prática construtiva realizada por alguns desses jovens através das redes sociais, é a busca por notícias sobre acontecimentos no mundo e por conhecimentos científicos, disponibilizados em algumas *fanpages* e/ou comunidades virtuais.

Diante do nível de homogeneidade das respostas, detectou-se que no grupo investigado, não há diferenças relevantes do uso das redes sociais, assim como dos seus efeitos, entre meninos e meninas, ou mesmo diferenças dentro da faixa etária pesquisada.

Foi possível perceber também que os adolescentes pesquisados exercem em sua maioria, o comportamento verbal de copiar nas redes sociais, e que estão vulneráveis aos comportamentos de tato e mando exercidos por outras pessoas nas redes através de publicidades implícitas e/ou explícitas.

Perante a informação de que 50% dos entrevistados possui dificuldade de falar em púbico, seria interessante a realização de outras pesquisas que possam investigar as contingências que geram déficit nesta habilidade social entre os adolescentes.

Vê-se a importância da construção de um planejamento de práticas culturais a partir do uso de tecnologias e das redes sociais, que façam desse ambiente virtual, um espaço de ensaio e preparação para esses jovens, conforme um dos participantes relatou acerca da influência das redes sociais sobre a sua habilidade de falar em público, e não mais o mantenham como um espaço de proteção quanto às reações dos outros indivíduos.

Vale ressaltar que a tecnologia e as redes sociais estão acessíveis não só aos adolescentes, mas a indivíduos em outras fases da vida também. Por isso, seria importante realizar novos estudos com os públicos que não foram avaliados nesta pesquisa, inclusive, alunos da rede pública, que se encontram em outro cenário sócio-cultural e econômico.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque Psicanalítico.** Porto Alegre: Artmed, 1981.

AGUIAR, S. R. **Redes sociais na internet: desafios à pesquisa**. INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. Santos-SP, 2007. Disponível em:

<http://www.sitedaescola.com/downloads/portal_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20%E0%20pesquisa.pdf > Acesso em: 27 set. 2013.

ANDERY, M. A. P. A.; MICHELETTO, N.; SERIO, T. M. de A. P. **A análise de fenômenos sociais: esboçando uma proposta para a identificação de contingências entrelaçadas e metacontingências.** REVISTA BRASILEIRA DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO, v. 1, pgs. 149-165, 2005. Disponível em: < http://accultura.files.wordpress.com/2008/09/andery-micheleto-e-serio-2005-21.pdf> Acesso em: 15 set. 2013.

BARROS, R. S. **Uma introdução ao comportamento verbal.** REVISTA BRASILEIRA DE TERAPIA COMPORTAMENTAL E COGNITIVA, São Paulo, v. 5, n. 1, pgs. 73-82, 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-55452003000100008&script=sci_arttext> Acesso em: 15 set. 2013.

BAUM, W.M. **Compreender Behaviorismo: comportamento, cultura e evolução.** 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Europa: uma aventura inacabada.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

_____. **44 cartas do mundo moderno líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CABALLO, V. E. **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais**. São Paulo: Santos, 2003.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Coleção A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COLE, M.; COLE, S. R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DEL PRETTE, Z. A. P. ; DEL PRETTE, A. **Inventário de habilidades sociais*:* manual de aplicação, apuração e interpretação.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. **Habilidades sociais*:* programas efetivos em grupo.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FIERRO, A. Desenvolvimento da personalidade na adolescência. In: COLL, C; PALÁCIOS,

J; MARCHESI, A. (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GAUDÊNCIO, P. **Jovem Urgente**. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 1980.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GLENN, S. S. **Metacontingências em Walden Two. Análise do Comportamento Social em Ação.** Reunião anual da Associação dos Analistas do Comportamento, Em Columbus, Ohio, EUA. v. 5, ns. 1 e 2, 1986. Disponível em:

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

<http://www.itcrcampinas.com.br/pdf/outros/METACONTINGENCIAS_EM_WALDEN_TWO.pdf > Acesso em: 15 set. 2013.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios** (PNAD, 2011). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000010135709212012572220530659.pdf> Acesso em: 16 abr. 2013.

LÉVY, P. **O que é o Virtual?** Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/6a_aula/o_que_e_o_virtual_-_levy.pdf> Acesso em: 16 abr. 2013.

LIMA, N. L.; SOUZA, E. P.; REZENDE, A. O.; MESQUITA, A. C. R. **Os adolescentes na rede: uma reflexão sobre as comunidades virtuais.** ARQUIVO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA, v.64, n. 3 Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672012000300002&script=sci_arttext > Acesso em: 26 set. 2013.

MATOS, M. A. **As categorias formais de comportamento verbal em Skinner.** Ribeirão Preto, 1991, pgs. 333-341. Disponível em: <http://www.terapiaporcontingencias.com.br/pdf/outros/as_categorias_formais_de_comportamento_verbal.PDF> Acesso em: 16 abr. 2013.

MATOS, M. B.; TOMANARI, G. Y. **A análise do comportamento no laboratório didático**. São Paulo: Manole, 2002.

MARTELETO, R. M. **Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação.** CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, v. 30, n. 1, p. 71-81, Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf> Acesso em: 26 set. 2013.

MEDEIROS, C. A.; MOREIRA, M. B. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SKINNER, B. F. **O comportamento verbal**. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: EDART, 1976.

Skinner, B. F. **O que há de errado com a vida cotidiana no mundo ocidental?** in: Skinner, B. F. Após uma reflexão mais aprofundada. Englewood Clifs (Nova Jersey): Prentice Hall, pgs.15-31, 1987. Disponível em: <http://www.itcrcampinas.com.br/pdf/skinner/oque_ha_de_errado_com_o_mundo_ocidental3a.pdf>Acesso em: 13 nov. 2013.

TODOROV, J.C; MOREIRA, M. **Análise experimental do comportamento e sociedade*:* um novo foco de estudo.** PSICOLOGIA: REFLEXÃO E CRÍTICA, 2004, v. 17, p. 25-29. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v17n1/22302.pdf> Acesso em: 24 ago. 2013.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt